



## INTERPRETIVE PHENOMENOLOGICAL ANALYSIS OF THE PERCEPTIONS OF PSYCHOLOGISTS AND NEUROPSYCHOLOGISTS IN THE CARE OF AUTISTS BASED ON THOUGHTS OF MERLEAU-PONTY AND HEIDEGGER

## ANÁLISE FENOMENOLÓGICA INTERPRETATIVA DAS PERCEPÇÕES DE PSICÓLOGOS E NEUROPSICÓLOGOS NO CUIDADO DE AUTISTAS À LUZ DOS PENSAMENTOS DE MERLEAU-PONTY E HEIDEGGER

Sandro Reis Rocha Barros  
[prsandroreis@gmail.com](mailto:prsandroreis@gmail.com)

Alessandra Rocha Melo  
[amelo@iff.edu.br](mailto:amelo@iff.edu.br)

Eliana Crispim França Luquetti  
[elinafff@gmail.com](mailto:elinafff@gmail.com)

**Abstract:** This article aims to present the perception of psychologists and neuropsychologists in the care of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder (ASD), basing the analyzes on the theoretical-methodological framework of Interpretive Phenomenological Analysis (AFI), having as foundations, the references theorists of Merleau-Ponty on the phenomenon of “perception” and of Heidegger on the phenomenon of “care”. For this,

interviews were carried out with a psychologist and a neuropsychologist, who provide care at an Autism Reference Center of a Non-Governmental Organization, which develops a social project with autistic children in the municipality of Campos dos Goytacazes - Brazil. Through the analysis of the reports of these professionals, the hermeneutic cycle carried out allowed us to extract meanings and meanings about the activities developed in that social project. The results showed some subjective parameters related to the "care" phenomenon, such as affectivity, language, empathy, accessibility, communication, understanding, guidance, patience, multidisciplinary and others. The research gains relevance insofar as it evidences the possibility of adding the objectivity of the techniques used in the treatment of autistic children to the subjectivity of the parameters and aspects involved in the care of users, which includes patients and their families. Among the results, we highlight the multidisciplinary character that the success of the treatment requires among the professionals involved in the social project, as well as an inclusive movement of the patients' family, reflecting the contribution of the affective aspects intrinsic to the theory of solicitude so emphasized by Heidegger. The subjective parameters raised here suggest its use in qualitative assessment tools for projects related to the treatment and care of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder.

**Keywords:** Interpretive Phenomenological Analysis. Perception. Caution. Autism.

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar a percepção de psicólogos e neuropsicólogos no atendimento a crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) fundamentando as análises no referencial teórico-metodológico da Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI), tendo como alicerces, os referenciais teóricos de Merleau-Ponty sobre o fenômeno "percepção" e de Heidegger sobre o fenômeno "cuidado". Para isso, foram realizadas entrevistas com um psicólogo e um neuropsicólogo, que realizam atendimento em um Centro de Referência do Autismo de uma Organização Não Governamental, que desenvolve um projeto social junto às crianças autistas no município de Campos dos Goytacazes - Brasil. Por meio das análises dos relatos desses profissionais, o ciclo hermenêutico realizado permitiu extrair sentidos e significados sobre as atividades desenvolvidas no referido projeto social. Os resultados apontaram alguns parâmetros subjetivos relacionados ao fenômeno "cuidado" tais como como afetividade, linguagem, empatia, acessibilidade, comunicação, compreensão, orientação, paciência, multidisciplinaridade e outros. A pesquisa conquista relevância na medida em que evidencia a possibilidade de somar a objetividade das técnicas empregadas no tratamento de crianças autistas à subjetividade dos parâmetros e aspectos envolvidos no atendimento dos usuários, o que inclui pacientes e seus familiares. Entre os resultados destacam-se o caráter

multidisciplinar que o sucesso do tratamento requer entre os profissionais envolvidos no projeto social, bem como um movimento inclusivo da família dos pacientes, refletindo a contribuição dos aspectos afetivos intrínsecos à teoria da solicitude tão enfatizada por Heidegger. Os parâmetros subjetivos aqui levantados sugerem sua utilização em instrumentos de avaliação qualitativa de projetos relacionados ao tratamento e cuidado de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro do Autismo.

**Palavras-chave:** Análise Fenomenológica Interpretativa. Percepção. Cuidado. Autismo.

## INTRODUÇÃO

Um dos grandes problemas enfrentados na área de saúde no âmbito mundial é o crescente aumento na prevalência de pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista (TEA). No ano 2012, o Centro de Controle de Doenças e Prevenção (CDC), órgão ligado ao Governo dos EUA, divulgou um estudo com prevalência de 1 autista em cada 88 crianças com 8 anos de idade. A última divulgação até a presente data, ocorreu no mês de dezembro de 2021, quando a CDC divulgou os dados de 2018 com a prevalência alcançando o valor de 1 em cada 44, o que corresponde a aumento de 100% num período de 9 anos, (cf. PAIVA JUNIOR, 2021). Estes dados têm despertado atenção na comunidade científica, inclusive no tocante à qualidade do diagnóstico e do tratamento multidisciplinar que essas pessoas recebem. Considerando esse cenário, esta pesquisa traz, como questão problema, a busca por parâmetros avaliativos subjetivos na atividade de cuidar desempenhada pelos Psicólogos e Neuropsicólogos que atuam no tratamento de crianças com diagnóstico de TEA, com o objetivo de descortinar e esclarecer pontos e questões relevantes no atendimento dos pacientes e seus familiares. Considerando que avaliação, além de um instrumento de gestão, é também uma ferramenta pedagógica para o aperfeiçoamento e alcance de excelência nos resultados, essa pesquisa visa também contribuir para melhorar o tratamento dos pacientes, sobretudo, através dos aspectos da subjetividade abordados na fenomenologia da “percepção” e do “cuidado”. Para tanto, foram usados como referencial teórico-metodológico a Análise Fenomenológica Interpretativa à luz do pensamento de Merleau-Ponty em relação ao fenômeno “Percepção”, bem como, a abordagem de Heidegger em relação ao fenômeno “cuidado”. Como local de

desenvolvimento da pesquisa, foi escolhida uma Organização Social Civil (OSC) no município de Campos dos Goytacazes, RJ, cujo público atendido ultrapassa o número de 300 crianças e adolescentes portadores de TEA. No transcurso da pesquisa, que envolveu a análise bibliográfica e documental dos projetos sociais ofertados pela OSC, também foram realizadas entrevistas com um psicólogo e um neuropsicólogo. A partir da análise dos dados, foram encontrados parâmetros que poderão ser usados na gestão de serviços de profissionais no tratamento de crianças e adolescentes com TEA.

## 1. METODOLOGIAS

Para a implementação desta fase da pesquisa, foi escolhido o paradigma qualitativo e interpretativo-construtivista, o qual considera que a realidade é socialmente construída, assumindo-se que o conhecimento é construído pelas pessoas que estão em atividade durante o desenvolvimento da pesquisa, no qual múltiplas construções mentais podem ser apreendidas, permitindo assim, ao pesquisador, a tarefa de compreender “o mundo complexo da experiência vivida do ponto de vista daqueles que a vivem” (SCHWANDT, 1997, p.118). Este paradigma metodológico foi amparado pelo método de Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI) considerando os pressupostos da fenomenologia do “cuidado” proposta por Heidegger (1981) e os pressupostos teóricos da fenomenologia da “percepção”.

A metodologia empregada nesta pesquisa foi de natureza bibliográfica, trabalho de campo, exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa quanto ao aprofundamento acerca da percepção em relação ao cuidado recebido pelas crianças autistas assistidas em uma OSC escolhida para ser o *lócus* desta pesquisa, considerando as experiências pessoais de cada participante.

Considerando os requisitos adequados para a aplicação da AFI, a amostra usada nesta pesquisa constou de: um Neuropsicólogo e um Psicólogo. A escolha dessa OSC como estudo de caso levou em consideração o pensamento de Lévi-Strauss (1996), em que a estrutura do *lócus* estudado reflete a experiência planejada e decorre da vivência de um grupo de pessoas que atuam ativamente ou passivamente em uma organização ou serviço.

A primeira parte da pesquisa envolveu o estudo do referencial teórico estabelecido, seguido do levantamento e estudo dos documentos e planos de trabalho referentes à OSC escolhida para este estudo de caso.

Na fase de coleta de dados dos participantes da pesquisa, optou-se por fazer entrevistas semiestruturadas, pois estas são preferencialmente recomendadas pelo método AFI, uma vez que “são mais flexíveis, envolvem a situação histórica e cultural dos entrevistados, considerando suas linguagens, normas e práticas sociais”. (FREIRE, NASCIMENTO; ROAZZI, 2021, p.532). Assim, todos os entrevistados assinaram o “termo de consentimento livre e esclarecido” e o “termo de autorização de uso de depoimento”. Então, foram realizadas entrevistas, *in loco*, com um Psicólogo e um Neuropsicólogo que trabalham na OSC, com perguntas voltadas para a maneira como realizam o seu trabalho no cuidado para com as crianças autistas, incluindo os pais e responsáveis, conforme mostra a figura 01.

- 1-Qual é o seu nome?
- 2-Qual é a sua formação profissional?
- 3-Qual é o setor e a área que você trabalha?
- 4-Qual é a sua função dentro desse projeto que cuida de crianças autistas?
- 5-Você poderia explicar como são desenvolvidas as atividades do serviço de psicologia (neuropsicologia) no dia a dia da Organização?
- 6-Em sua percepção, quais seriam os principais pontos a serem avaliados no setor de psicologia (neuropsicologia)?

**Figura 01 – Perguntas da entrevista com o psicólogo e o neuropsicólogo.**

Finalmente, sobre o *corpus* construído com base nas entrevistas, foi aplicado o método de AFI buscando identificar temas relacionados à percepção de cuidado envolvido no tratamento das crianças assistidas pela OSC, obtendo assim, alguns pontos relevantes que podem ser usados como indicadores para uma avaliação e melhora na qualidade do atendimento feito por psicólogos e neuropsicólogos.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1. Fenomenologia da Percepção segundo Merleau-Ponty**

O conceito de “percepção” enquanto fenômeno e a busca pelo seu significado para os estudos com enfoque na área de saúde tem encontrado relevantes contribuições para o avanço em pesquisas voltadas para a compreensão e o aprimoramento dos serviços de profissionais na área de saúde e bem-estar de pessoas. Além da relevante contribuição advinda da teoria Gestalt e de filósofos como Merleau-Ponty, a psicologia tem dado muitas contribuições às questões pertinentes ao significado da “percepção” estabelecendo mecanismos fisiológicos pelos quais ela se processa. Segundo Sousa e Erdman (2003), o pensamento filosófico sobre a fenomenologia da percepção está relacionado com temas como: conhecimento, pensamento, reflexão, verdade, o real, o imaginário, a problemática do ser, e ao juízo, sendo este último, o que mais interessa ao estudo proposto neste artigo, ou seja, a busca pela compreensão do viver experienciado, tanto por profissionais de saúde, como pelas pessoas de quem eles cuidam, além do juízo que elas fazem sob o efeito do fenômeno “percepção” quando este é relacionado ao fenômeno “cuidado”.

Ao dedicar-se à compreensão da junção do sentido e da existência, quando se observa o ser humano como parte do mundo, sobretudo, um ser repleto de intencionalidades, o pensamento de Ponty segue a corrente filosófica de Husserl no que se refere à fenomenologia. Seu enfoque está na subjetividade existente na condição ontológica do ser humano e de suas experiências no campo do conhecimento, valorizando a experiência perceptiva ou simbólica como formas de conhecer e reconhecer o que se tem como verdade.

Os pontos de apoio usados por Ponty para observar os desdobramentos constitutivos da experiência humana foram a linguística, a filosofia moderna e a psicologia da forma, caminho pelo qual, ele conseguiu propor um poder criador à experiência. Assim, ele conseguiu “restabelecer no âmbito discursivo o ponto de contato entre os fenômenos e as nossas experiências, sem com isso retornar a visão Aristotélicotomista” (MÜLLER, 2001, p.23)

Ponty lança mão da teoria da Gestalt como ponto de partida e apoio para a pesquisa sobre a atitude humana de “perceber”, bem como os processos implicados nesse fenômeno. Nesse sentido, “o sujeito que percebe é o corpo como campo perceptivo e prático, enquanto os gestos tem um certo alcance e circunscrevem,

com o domínio conjunto de objetos familiares” (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 47). Sendo assim, a percepção está relacionada a uma atitude corporal onde a linguagem tem um destaque, pois o corpo passa a ser visto como “um objeto sensível a todos os outros, que ressoa para todos os sons, vibra para todas as cores e que fornece às palavras a sua significação primordial através da maneira pela qual ela as acolhe.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 317).

Um dos pontos de conexão do pensamento de Merleau-Ponty com o estudo apresentado neste artigo encontra-se no fato de que Ponty enfoca questões como o ser no mundo, a existência, a corporeidade e a expressividade, o que auxilia a compreensão das relações existentes entre o profissional da área de saúde e a pessoa a quem ele presta assistência. A pergunta norteadora para a pesquisa aqui relatada é sobre a percepção que existe na relação interpessoal entre o profissional e o paciente, em relação a atitude de “cuidar”. Trata-se do cuidado, tanto na perspectiva de quem cuida, quanto de quem é cuidado. Desse modo, a percepção passa a ser observada com o significado de um instrumento de acesso ao mundo. Em sua tese, Polak (1996), apoiado em Ponty, defende que a percepção é um instrumento de apreensão e interpretação dos objetos e do mundo que os envolve, e isto abre caminho para adentrar ao mundo do paciente, conhece-lo e orienta-lo durante a gesto de cuidar possibilitando que o outro o perceba. Assim, a linguagem é o veículo que permite a compreensão de todo o simbolismo presente no cuidar. (cf. SOUSA; EDMAN, 2003, p.81). Portanto, a fenomenologia e o pensamento Pontyniano “podem ser formas de investigação e de crítica dos conceitos terapêuticos utilizados pela equipe de saúde” (SOUSA; EDMAN, 2003, p.81)

## **2.2. Fenomenologia do Cuidado segundo Heidegger**

O fenômeno “cuidar” na modalidade médica e psicológica tem um lugar especial na história da medicina, uma vez que nesta, o enfoque ontológico, que questiona o ser em sua especificidade, sempre prevaleceu sobre o enfoque mecanicista conforme aponta Georges Canguilhem (2011). A discussão sobre o cuidado, especificamente relacionado à área de saúde, abre espaço para uma diversidade de significados subjacentes aos vários tipos de “fazer” relativos ao “cuidar”. Canguilhem (2011) sugere duas perspectivas de um “fazer” vinculado à

saúde, que são: um “fazer” voltado para a perspectiva médica e outro “fazer” relacionado aos diversos modos de apreensão do humano presentes na psicologia e em outras formas não médicas. Estas áreas ditas não médicas, tais como a psicologia, a enfermagem, a nutrição, a fisioterapia, a terapia ocupacional, dentre outras, segundo Canguilhem (2011) consideram uma dimensão mais holística de lidar com o humano, diferentemente da área médica que considera uma dimensão mais técnica.

A filosofia de Heidegger sobre o cuidado foi considerada adequada à pesquisa aqui relatada, uma vez que a metodologia utilizou uma série de entrevistas sobre as quais se desenvolveram análises das falas dos atores envolvidos. Portanto, esta adequação se dá a partir da premissa de que para Heidegger, a linguagem é uma maneira de se chegar à essência das coisas. Segundo Heidegger, “a linguagem é a casa do Ser; não o palavrório, mas a linguagem essencial na sua forma original e poética. É pela linguagem que o homem se abre ao mundo; é ela que dá ao Ser as coisas; portanto, para ir às próprias coisas, deve-se ir às palavras” (JORGE; FIÚZA; QUEIROZ, 2006, p. 909)

A proposta de Heidegger é analisar a natureza e o núcleo do ser humano em seu estado básico de cuidado, preocupação e zelo, os quais formam juntos, uma estrutura única, original e indissolúvel denominada **Dasein**, em quem não se admite a separação do sujeito do objeto. **Dasein** é um termo que Heidegger utiliza para se referir à essência do homem concebida originalmente. **Dasein** é formado de **sein** (ser) e de **da** (aqui). Dessa maneira, **Dasein** significa o *aqui*, o *lugar* do Ser, que remete à *dimensão criada pelo Ser onde este se manifesta*. Assim, considerando que o objeto é percebido por um sujeito, e que, é no sujeito que se forma a consciência, então, é necessário pensar sempre em um objeto-para-um-sujeito e não mais em um objeto em si. Heidegger usa o princípio de que toda consciência é consciência que se cria de alguma coisa.

As contribuições de Heidegger sobre o tema “cuidado” vão tomando forma à medida que ele enfatiza que “o *Dasein*, o ser-aí, ou a pre-sença, são expressões que enfatizam que o ser não é apenas uma coisa no mundo, mas um ser-no-mundo, que se orienta *preocupado* com sua própria existência” (COSTA, 2006, p.68).

O conceito de “cuidar” está associado ao modo de lidar e proceder. Para Heidegger, “o nosso modo de proceder com os entes-envolventes dentro do mundo foi por nós chamado de cuidar” (HEIDEGGER, 1981, p.39). Ele considera que os fenômenos “cuidar” e “zelar” são correlatos, pois o “cuidar” remete à atitude do ser-com e o “zelar”, à atitude do ser-aí. E quando o modo de ser do ser-aí se manifesta como ser-com, o “cuidar” passa a ter caráter de “solicitude”, o que de fato acontece, e tem como exemplo citado por Heidegger, as “obras beneficentes” (cf. HEIDEGGER, 1981, p.40).

Segundo Heidegger, a solicitude é orientada pela consideração e paciência, sendo que, no aspecto temporal, a consideração denota a ideia de passado, ou seja, a consideração que se tem em vista do acontecido, ou devido ao fato ocorrido. Já a paciência, também interpretada como tolerância, denota a ideia de futuro, ou seja, em vista de algo que se espera acontecer, deve-se ter paciência ou tolerância. Dessa maneira, o fenômeno do cuidado solícito acontece quando o indivíduo considera fatos que já ocorreram e/ou tolera e tem paciência esperando algo que ainda poderá acontecer.

Outro aspecto fenomenológico abordado por Heidegger relacionado ao cuidado está na “empatia”, que é um modo de ser-com-os-outros, que tem como ponto de partida o abrir-se ou o fechar-se. Nesse caso, o desvelamento do outro possibilita compreender a vida psíquica dos outros. Assim, a “empatia” é suposta “para fornecer a primeira ponte ontológica que liga um sujeito particular, dado de imediato sozinho, a um outro sujeito que, de imediato, é inteiramente fechado” (HEIDEGGER, 1981, p. 45)

Em sua reflexão, Heidegger diz que há uma tentativa de preparar o homem para um esforço pelo homem. É nesse sentido que se dirige a “cura” reconduzindo o homem de volta à sua essência. O termo “a cura” usado por Heidegger, traduzido do alemão "*die Sorge*", é um termo característico da Analítica Existencial desenvolvida em sua obra “ser e tempo”.

De acordo com Heidegger (2005), o conceito ôntico de “cura” mostra algumas estruturas fundamentais da pre-sença. Existe “um duplo sentido do termo ‘cura’ em que ele não significa apenas um ‘esforço angustiado’, mas também o ‘cuidado’ e a ‘dedicação’”. (HEIDEGGER, 2005, p.264)

Partindo de sua concepção de “cura”, Heidegger formaliza um conceito de “cuidado”, o qual pode ser entendido tanto como “ato”, quanto como “possibilidades” em uma perspectiva que vai além do que se pode perceber. Assim, os entes que cuidam são pessoas que “emprestam percepções, emoções, sentimentos, valores e saberes ao fenômeno (o que aparece, pessoa que está sendo cuidada) para fazer ver a partir de si mesmo o que se é em si mesmo” (SILVA, et. al., 2005, p.474)

Uma questão relevante é que, no aspecto metodológico, ao considerar-se “fenômeno” aquilo que se mostra por si mesmo, no tempo e no espaço, a fenomenologia permite o acesso ao fenômeno situado em um determinado local, em uma situação experimentada por um sujeito. (cf. COSTA, 2006, p. 71).

Em relação aos requisitos epistemológicos, segundo Costa (2006), a fenomenologia do cuidado, atende o reconhecimento da intersubjetividade e, ao mesmo tempo, elabora uma compreensão objetiva daquilo que se manifesta através da realização da escuta compreensiva da intencionalidade do que se deseja mostrar, contextualizando assim, a relação de significados e sentidos, pois, de acordo com Heidegger (2005), essa compreensão se dá pela abertura enquanto um dos fundamentos do ser-no-mundo.

### **2.3. Análise Fenomenológica Interpretativa**

A Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI) como referencial teórico-metodológico, de acordo com Tombolato e Santos (2020) é indicada quando o pesquisador deseja investigar, descrever, contextualizar e interpretar os significados atribuídos pelos entes envolvidos na pesquisa às suas vivências. Os estudos com a AFI devem ser realizados com “um pequeno número de participantes e o objetivo do(a) pesquisador(a) é encontrar um grupo razoavelmente homogêneo em determinada característica, de forma que seja possível avaliar a convergência e divergência entre certos aspectos na experiência vivida.” (TOMBOLATO e SANTOS, 2020, p.298)

O método AFI desenvolvido por Smith, Flowers e Osborn (1997) e Smith, Jarman e Osborn (1999), é baseado em diferentes hermenêuticas filosóficas, com particular ênfase nas hermenêuticas originárias de Husserl (1859-1938) e Heidegger

(1889-1976), e ainda, na hermenêutica interpretativa, tendo suas raízes teóricas no paradigma da cognição social. (cf. FISKE; TAYLOR, 1991).

Uma das justificativas para a escolha do método AFI está no fato de que “a hermenêutica enquanto compreensão interpretativa das expressões linguísticas é o modelo para o processo geral de compreensão nas ciências humanas.” (SCHMIDT, 2012, p. 21).

Este método qualitativo que, em sua natureza possui um caráter de pesquisa ideográfica, tem como finalidade interpretar o sentir e as significações atribuídas por alguém às experiências de vida, imergindo no mundo intra-subjetivo do fenômeno. Consiste na descrição da experiência consciente habitual da vida cotidiana e das “coisas” (estruturas essenciais da consciência), onde essas “coisas” experienciadas incluem a percepção, o lembrar, o acreditar, o sentir, julgar e avaliar as experiências. O método AFI também recebe influência teórica do interacionismo simbólico, que é uma teoria psicológica social e sociológica com raízes no pragmatismo americano, onde uma das referências é o trabalho de Herbert Blumer (1969) que se fundamenta em três premissas: A primeira considera que os seres humanos agem em relação ao mundo (objetos e pessoas) no seu ambiente com base nos significados que este lhes oferece. A segunda premissa é que esses significados derivam da interação social (comunicação compreendida em um sentido amplo) entre e intra-indivíduos. A comunicação é simbólica porque comunicamos através da linguagem e outros símbolos, e comunicando, criam-se outros símbolos significativos. A terceira premissa leva em conta que os significados são estabelecidos e modificados através de um processo interpretativo utilizado pela pessoa ao se relacionar com os elementos com que entra em contato.

A AFI, na sua percepção do status da cognição, se preocupa em compreender o que o indivíduo entrevistado pensa ou acredita sobre o assunto em questão. (cf. SMITH; FLOWERS; OSBORN, 1997). Portanto, o objetivo da AFI é analisar a percepção pessoal, ou seja, a compreensão que uma pessoa tem de seu mundo pessoal e social descobrindo os significados que uma experiência, um evento, ou um estado particular podem ter para essa pessoa, produzindo uma afirmação objetiva sobre estes. Por esse motivo, a AFI é um método que tem sido

amplamente utilizado em pesquisas na área de saúde, como a enfermagem, medicina, psicologia e outras áreas correlatas.

O método AFI tem também como alicerce, o desenvolvimento interpretativo ou hermenêutico da fenomenologia de Heidegger, onde se verifica uma dupla atividade hermenêutica. Aquela onde o participante tenta entender o seu próprio mundo e a outra onde “o pesquisador está tentando entender a tentativa dos participantes de entender o mundo deles” (SMITH, 2019, p. 45). A AFI “combina uma hermenêutica empática com uma hermenêutica questionadora” (SMITH, 2019, p.45), podendo desenvolver questões críticas sobre a fala dos participantes tais como as seguintes perguntas: “O que a pessoa está tentando realizar aqui? Está escapando aqui algo não intencionado? Tenho um senso de algo acontecendo aqui de que os participantes estejam talvez menos conscientes?” (SMITH, 2019, p.46).

Segundo Smith (2019), a AFI considera, em seu arcabouço teórico, a pessoa participante como um ser cognitivo, linguístico, afetivo e físico, tecendo conexões entre suas falas, pensamentos e estado emocional. Este é um dos motivos pelos quais este método foi escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que ela tem, como fonte de informação, a transcrição de entrevistas realizadas com pessoas envolvidas no fenômeno investigado. É sobre esses dados que a AFI é aplicada para buscar uma melhor compreensão da percepção sobre o cuidado envolvido na relação entre o profissional de saúde e seu paciente.

Ao analisar os dados provenientes das entrevistas realizadas, espera-se que estes reflitam o significado particular, dos estados, dos eventos, dos objetos, dos ambientes, dos relacionamentos interpessoais, do atendimento recebido pelos profissionais das instituições e das experiências nelas vividas pelos entrevistados, visando sempre a obtenção de informações e dados para a avaliação do projeto social oferecido pela instituição que o oferece, uma vez que “a Análise Fenomenológica Interpretativa (AFI) tem como objetivo entender o que uma experiência, um evento, um objeto são, do ponto de vista da pessoa.” (SMITH; EATOUGH, 2010, p.324).

O processo analítico da AFI propõe os seguintes passos:

1º passo: Procurar por temas interessantes ou significativos ditos pelo entrevistado, através de uma “Transcrição das entrevistas e leitura e releitura

rigorosa e detalhada dos dados com elaboração de comentários [...] e vão sendo anotados na margem deixada na transcrição da entrevista [...] ressaltando frases que sejam chamativas e tragam conteúdos emocionais” (FREIRE; NASCIMENTO; ROAZZI, 2021, p. 538).

2º passo: Retornar a essas anotações e elaborar de maneira sintetizada os temas que emergiram das mesmas, anotando-os na margem direita das anotações iniciais. Deve-se usar uma linguagem mais técnica buscando relacionar os dados experimentais com a teoria correspondente. Nessa etapa, pode-se usar a estratégia sugerida por Alase (2017) fazendo agrupamentos de expressões significativas denominados de “unidades de significado”, ou “temas”. Outra estratégia é o uso das “técnicas de escrutínio” sugerida por Ryan e Bernard (2003) que consiste em procurar “coisas/temas” linha por linha.

3º passo: Procurar conexões entre os temas encontrados no passo anterior, os quais serão “agrupados semanticamente conforme princípios ou similaridades conceituais ou temáticas, seguindo uma relação lógica. Os agrupamentos serão nomeados descritivamente conforme o grupo de temas relacionado.” (FREIRE, NASCIMENTO e ROAZZI, 2021, p. 539).

4º passo: Construir uma lista ou tabela mestra com esses temas, ordenados coerentemente, representando a experiência de todos os participantes. Os tópicos principais (superordenados) devem ter prioridade na análise. A partir desta lista ou tabela mestra, deve-se fazer a redação expondo de modo narrativo as atividades encontradas na descrição dos casos nos diversos níveis de interpretação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A realização do método AFI implicou na produção de vários arquivos contendo as transcrições de cada entrevista, as anotações destacadas nas falas transcritas dos entrevistados (fase 1 da AFI), levantamento de temas referentes a cada anotação (fase 2 da AFI), consideração e eliminação de redundâncias entre os temas e criação dos grupos temáticos (fase 3 da AFI) e, finalmente, a discussão e produção do resultados finais da análise, com a descoberta de parâmetros subjetivos sobre a qualidade dos serviços profissionais em relação ao cuidado com os pacientes autistas da faixa etária infantil até adolescência.

É importante considerar que os resultados das análises revelaram alguns reflexos do recorte temporal no qual a pesquisa aconteceu, pois as entrevistas ocorreram em meio a um cenário pandêmico da COVID-19, o que pode ser comprovado nos itens 12 e 14 da figura 04 e no item 12 da figura 05.

A seguir, na figura 03, apresenta-se um exemplo da consecução dos passos da análise referente a apenas um dos recortes da entrevista feita com o psicólogo e que gerou um espectro de parâmetros em relação ao cuidado exercido pelo profissional de psicologia.

**ANOTAÇÕES E GRIFOS SOBRE A FALA TRANSCRITA (Fase 1 da AFI):**

“**promover a autonomia e socialização desses indivíduos**. A gente tenta através de **atividades, estimular esses aspectos da vida como afeto, a afetividade, a comunicação, a linguagem**, a **autoestima**, que **são elementos** que relacionados diretamente à socialização.”  
(Pág. 2, linhas 6 a 11 da transcrição)

**TEMAS LEVANTADOS NO RECORTE DA TRANSCRIÇÃO (Fase 2 da AFI):**

**Linha 6,7:** Promoção da autonomia e socialização da criança.  
**Linhas 7-9:** Estimulação cognitiva de elementos como: afeto e afetividade.  
**Linhas 9-10:** Estimulação cognitiva da comunicação e linguagem.  
**Linhas 10:** Estimulação cognitiva da autoestima.

**GRUPOS TEMÁTICOS OBSERVADOS NO RECORTE DA TRANSCRIÇÃO (Fase 3 da AFI):**

- Atributos de um Psicólogo que cuida de crianças autistas. (Pág.5 / Linha 3,4)
- Pessoas com quem o Psicólogo atua cuidando de crianças autistas.(Pág. 2/Linha 17-20)
- Atitudes de um Psicólogo que cuida de crianças autistas. (Pág. 2 / Linha 8-10)

**Figura 03 – Exemplo de AFI sobre um dos recortes da entrevista com o psicólogo.**

Na realização das fases da AFI foram considerados tanto os conceitos e princípios da teoria da percepção encontrados no pensamento de Merleau-Ponty, bem como os do fenômeno “cuidar” apresentados na fenomenologia do cuidado proposta por Heidegger.

A ação metodológica de se entrevistar, *in loco*, teve por objetivo, atuar em consonância com o pensamento de Heidegger de analisar a natureza e o núcleo do

ser humano em seu estado básico de cuidado, preocupação e zelo, os quais formam juntos, uma estrutura única, original e indissolúvel.

A seguir, através das figuras 4 e 5, são apresentados os resultados obtidos separadamente a partir da AFI realizada, respectivamente, sobre as entrevistas com o psicólogo e o neuropsicólogo.

GRUPOS	Nº	TEMAS	Pág / Linha
Atributos de um Psicólogo que cuida de crianças autistas	1	Ser acessível aos pais dos pacientes.	P.4/L.19
	2	Gostar de conversar com os pacientes e seus pais	P.5/L.3-4
Atitudes de um Psicólogo que cuida de crianças autistas	3	Realizar oficinas socioeducativas em grupo com os pacientes;	P.2/L. 3,4
	4	Promoção da autonomia e socialização da criança.	P.2/L.6,7
	5	Estimulação cognitiva de elementos como: afeto e afetividade	P.2/L.7-9
	6	Estimulação cognitiva da comunicação e linguagem	P.2/L.9,10
	7	Estimulação cognitiva da autoestima	P.2/L.10
	8	Levar as crianças ao supermercado, andando pelas ruas para desenvolver a percepção de espaço e o jeito das pessoas falarem.	P.2/L.21-24
	9	Desenvolver a autoestima, confiança, comunicação no paciente.	P.2/L.27-30
	10	Conversar com a família do paciente para perceber o ambiente familiar.	P.3/L. 5,6
	11	Fazer periodicamente uma roda de conversa com os pais dos pacientes.	P.4/L.15,16
	12	Fazer atendimento por vídeo chamada durante a pandemia de COVID-19.	P.4/L.17,18
	13	Fazer a roda de conversa com os pais uma vez por mês.	P.5/L. 3,4
O que o Psicólogo usa?	14	Usa o Whatsapp em consultas por vídeo chamadas	P.5/L.15
	15	Usa o consultório para atendimento presencial	P.5/L.15
Com quem o Psicólogo cuida?	16	Atua junto com o Terapeuta Ocupacional em projetos de autonomia, independência e práticas de vida.	P.2/L.17-20
	17	Comunicar-se com toda a equipe multidisciplinar	P.3/L.17-21

**Figura 4 – Resultado da AFI aplicada na entrevista com o psicólogo**

Durante a execução da AFI, percebeu-se, entre os temas levantados e seus respectivos grupos temáticos, uma congruência entre as percepções dos entrevistados em relação ao conceito de “cuidado”, o qual é abordado como sendo uma instância diretamente relacionada com os modos de lidar com as pessoas e os procedimentos feitos em relação a elas. Tal abordagem está em conformidade com o pensamento de Heidegger quando diz: “o nosso modo de proceder com os entes-envolventes dentro do mundo foi por nós chamado de cuidar” (HEIDEGGER, 1981,

p.39). Essa mesma abordagem foi verificada mais fortemente na entrevista com o psicólogo, nos itens 11, 16 e 17 da figura 4, onde ele fala sobre o cuidar junto com os pais do paciente e cuidar de maneira multidisciplinar com outros profissionais. Outra convergência com o pensamento de Heidegger foi verificada nos itens 3 e 8 da figura 4, em que o psicólogo menciona a necessidade de se “Realizar oficinas socioeducativas em grupo com os pacientes” e “Levar as crianças ao supermercado, andando pelas ruas para desenvolver a percepção de espaço e o jeito das pessoas falarem”. Essas tarefas compreendem o conceito de “empatia”, a qual, segundo Heidegger (1981), é um modo de ser-com-os-outros, que tem como ponto de partida o abrir-se ou o fechar-se. Para ele, a empatia constrói a primeira ponte ontológica que une e cria vínculos entre dois sujeitos.

Ainda no Figura 4, item 5, verifica-se que o psicólogo aborda a necessidade de se fazer uma “estimulação cognitiva de elementos como: afeto e afetividade”. Na “perspectiva de Heidegger os afetos possuem um caráter de abertura a partir do qual algo se revela” (DIETRICH, 2020, p.57). Para Heidegger, a existência humana, em termos de abertura, possui um componente afetivo que a constitui, a partir do qual, se desenvolve uma reflexão sobre as emoções, na qual, elas possuem um caráter revelador. Pode-se então, dizer que, para Heidegger, ser-no-mundo é ser-afetivamente-no-mundo, pois sempre existirá alguma atmosfera afetiva na qual “os entes do entorno se apresentam para o existente humano como entes apazíveis, interessantes, detestáveis ou até mesmo indiferentes, pois a indiferença é também uma relação afetiva” (DIETRICH, 2020, p.56). Essa percepção a respeito do cuidado traz uma contribuição ao mostrar que a expectativa do usuário (paciente e familiares), em relação ao profissional de saúde, vai além da aplicação da técnica e do conhecimento científico, apontando caminhos para a “criação de laços de afetividade”.

A figura 05 a seguir, apresenta os resultados obtidos a partir da aplicação da AFI na entrevista com o neuropsicólogo.

Observando os resultados mostrados a seguir, na figura 5, verifica-se que o Neuropsicólogo abordou em sua fala, no item 2 a questão da “comunicabilidade” como sendo um parâmetro necessário para um bom resultado no exercício do

cuidado com o paciente. Esse item aponta para a qualidade de ser uma pessoa que se comunica bem. Segundo Heidegger (2005), não há relacionamento interpessoal sem linguagem e a comunicação é uma das possibilidades existentes para a linguagem, a qual passa a ser vista como aquilo que cria o mundo ao dizê-lo, e não mais como uma ferramenta da consciência para dizer algo que se pensou. Portanto, o parâmetro “comunicabilidade” refletido à luz da linguagem é de suma importância nos serviços de saúde. Nos itens 13 e 14 da figura 05, o Neuropsicólogo abordou o mesmo tema da “multidisciplinaridade” citado pelo psicólogo, quando falou sobre a inserção da família e também outros profissionais no tratamento da criança autista.

GRUPOS	Nº	TEMAS	Pág / Linha
Atributos de um Neuropsicólogo que cuida de crianças autistas	1	Estar sempre acessível no consultório para tirar dúvidas dos familiares dos pacientes	P.5/L.19-20
	2	Facilidade para comunicar e explicar	P.3/21,22
Atitudes de um Neuropsicólogo que cuida de crianças autistas	3	Faz a avaliação neuropsicológica do paciente para compreender e identificar nível de patologia apresentada	P.1/L.27-29
	4	Faz o encaminhamento do paciente ao tratamento após a avaliação.	P.1/L.33
	5	Faz o monitoramento do paciente para verificar sua evolução ou não.	P.1/L.34,35
	6	Trabalha mensurando no paciente a sua atenção, percepção e noções dedutivas.	P.2/L.1
	7	Faz uma entrevista aberta explicando ao responsável pela criança entregando uma ficha de anamnese.	P.3/L.13-16
	8	Faz um programa de avaliação específico para cada criança, tendo a participação dos familiares em todas as sessões.	P.3/L.20-24
	9	Após o processo de avaliação, faz o encaminhamento a outros setores responsáveis por fazerem as atividades recomendadas.	P.4/L.24-28
	10	Faz um laudo de cada paciente a cada semana.	P.5/L.17-19
	11	Faz uma reavaliação do paciente a cada 6 meses.	P.6/L.17,18
O que o Neuropsicólogo usa?	12	Usa vídeos gravados pelos familiares e enviados pelo whatsapp.	P.8/L.16-18
	13	Usa o consultório para atendimento presencial	P.8/L. 28,29
Com quem o Neuropsicólogo cuida?	13	A presença do familiar é um ponto principal na avaliação do paciente	P.2/L.16,17
	14	Trabalha com uma equipe multidisciplinar	P.4/L. 24-28

**Figura 05 – Resultado da AFI aplicada na entrevista com o Neuropsicólogo**

Nos itens 2 e 3, da figura 5, o Neuropsicólogo também falou sobre “explicar” e “compreender”. Tanto a “comunicabilidade” como a “compreensão”, são parâmetros

que estão presentes na hermenêutica heideggeriana, em especial, nas obras “A caminho da linguagem”, “Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão”, e “Ser e tempo”.

Em Heidegger (2005), existem dois tipos de “compreensão”. Uma “compreensão” primária que constitui uma das estruturas existenciais em que o “ser” do “pre” da pre-sença se sustenta. Mas, existe um tipo secundário de “compreensão” no sentido de um modo possível de conhecimento entre outros, que se distingue, por exemplo, do “esclarecimento” (HEIDEGGER, 2005, p. 198). Essa “compreensão” secundária deve ser interpretada juntamente com o “esclarecimento” como um derivado existencial da compreensão primária. “Compreender é o ser existencial do próprio poder-ser da pre-sença de tal maneira que, em si mesmo, esse ser abre e mostra a quantas anda seu próprio ser. Trata-se de aprender ainda mais precisamente a estrutura desse existencial” (HEIDEGGER, 2005, p. 200). Sendo assim, a “compreensão é o nosso modo de ser, o modo como nos relacionamos com a nossa projeção no mundo, na temporalidade, realizando existencialmente este modo de ser do *Dasein* que é o poder-ser, sendo o único ente que em seu poder-ser possui existência” (STEFANI; CRUZ, 2019, p.114).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa desenvolvida em suas etapas, desde o estudo do plano de trabalho da OSC, elaboração dos questionários, passando pela execução das entrevistas e a aplicação da AFI, permitiu verificar que, no campo da subjetividade, foi possível encontrar uma quantidade relevante de parâmetros, dentre os quais, alguns passam despercebidos pelos profissionais da área de saúde. A AFI permitiu que todos os participantes exprimissem livremente suas experiências e pensamentos, obtendo assim, descrições mais ricas em detalhes, e o ciclo hermenêutico realizado possibilitou extrair sentidos/significados para a prática do “cuidar”. Verificou-se, fundamentado nos pressupostos teóricos de Merleau-Ponty e Heidegger, quais são os principais pontos que devem ser levados em consideração nas relações de cuidar e ser cuidado, na busca da excelência no tratamento do TEA. Assim, os resultados desta pesquisa podem contribuir para uma melhoria nos

instrumentos avaliativos usados pelas instituições que atuam no tratamento de crianças e adolescentes autistas, além de contribuir para uma visão mais ampla e abrangente, somando técnica e subjetividade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALASE, A. A análise fenomenológica interpretativa (IPA): um guia para uma boa abordagem de pesquisa qualitativa. **Revista Internacional de Estudos de Educação e Alfabetização**. v.5, n.2, p.9-19, abr. 2017. Disponível em: <https://www.journals.aiac.org.au/index.php/IJELS/article/view/3400> >. Acesso em: 22 jan. 2022.

BLUMER, H. **Symbolic Interactionism**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall. 1969. 208p.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

**COSTA, S. M. V. E.** Fenomenologia do cuidado. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**. Goiânia, v.12, n.1, p. 67-73, jun. 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735503005>>.pdf. Acesso em 21 jan. 2022.

EATOUGH, V.; SMITH, J. A. Interpretative phenomenological analysis. In: WILLIG, C.; ROGERS W. S. (Eds.), **Handbook of Qualitative Research in Psychology**. 3th Ed., London, UK: Sage. 2017, p. 193-211.

FISKE S. T.; TAYLOR S.E. **Social Cognition**, 2nd ed. New York: McGraw-Hill. 1991.

FREIRE, M. R. L., NASCIMENTO, A. M., ROAZZI, A. Análise fenomenológica interpretativa (AFI): enlaces com a psicologia cognitiva, **Revista Amazônica**, Manaus, v.26, n.2, p.516-545, jul-dez, 2021.

DIETRICH, G; H. A dimensão afetiva da existência humana à luz da fenomenologia hermenêutica: o caráter revelador das emoções em Ser e Tempo. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa, v.20, n.1, p.51-60, fevereiro, 2020.

HEIDEGGER, M **Todos nós... Ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes, 1981.

\_\_\_\_\_. **A caminho da Linguagem.** Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes. 2003.

\_\_\_\_\_. **Ser e tempo, Parte I.** Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. 15ª ed. Petrópolis: Vozes. 2005.

\_\_\_\_\_. **Os conceitos fundamentais da Metafísica:** Mundo, Finitude, Solidão. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2006.

JORGE, M. S. B., FIÚZA, G. V., QUEIROZ, M. V. O. A fenomenologia existencial como possibilidade de compreensão das vivências da gravidez em adolescente. **Revista Latino-Americana de Enfermagem.** São Paulo, v.14, n.6, p.907-914, nov./dez. 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=281421865012>>. Acesso em: 11 jan. 2022.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural.** Tradução: Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. 5 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1996.

MERLEAU-PONTY, M. **O Primado da percepção e suas conseqüências filosóficas.** Campinas: Papyrus, 1990.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia da Percepção.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MÜLLER, M. J. Merleau-Ponty acerca da expressão. Porto Alegre. EDIPUCRS, 2001.

PAIVA JUNIOR, F. Novo estudo do CDC sugere prevalência de 1 autista a cada 44 crianças nos EUA. **Tismoo.** São Paulo, dez. 2021. Disponível em: <<https://tismoo.us/ciencia/novo-estudo-do-cdc-sugere-prevalencia-de-1-autista-a-cada-44-criancas-nos-eua/>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

POLAK, Y. N. S. **A corporeidade como resgate humano na enfermagem.** 25 out. 1996. 131p. Tese de Doutorado em Filosofia de Enfermagem – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

RYAN, G. W.; BERNARD, H. R. Techniques to identify themes. **Field methods**, v.15, n.1, p.85-109. 2003.

SCHMIDT, L. K. **Hermenêutica.** Tradução: F. Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.

SCHWANDT, T. A. **Qualitative Inquire.** A dictionary of terms. Thousand Oaks: Sage Publications. 1997.

SILVA, L. W. S., et al. O cuidado na perspectiva de Leonardo Boff, uma personalidade a ser (re)descoberta na enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Rio de Janeiro, v.58, n.4, p.471-475, 2005. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/reben/v58n4/a18v58n4.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reben/v58n4/a18v58n4.pdf)>. Acesso em: 21 de jan. 2022.

SMITH, J. A.; EATOUGH, V. Análise fenomenológica interpretativa. In: BREAKWELL, G. M., HAMMOND, S. **Métodos de pesquisa em psicologia**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2010, p. 322-339.

\_\_\_\_\_. **Psicologia Qualitativa: Um guia prático para métodos de pesquisa**. Tradução: Caio Liudvik, Petrópolis: Vozes, 2019.

\_\_\_\_\_; FLOWERS, P.; OSBORN, M. Interpretative phenomenological analysis and the psychology of health and illness. In: L. Yardley (Ed.), **Material Discourses in Health and Illness**. London: Routledge. 1997, p. 68–91.

\_\_\_\_\_; JARMAN, M.; OSBORN, M. Doing interpretative phenomenological analysis. In: Murray, M.; CHAMBERLAIN, K. (Eds.), **Qualitative health psychology. Theories and methods**. London: Sage Publications. 1999. p. 216-240.

\_\_\_\_\_. Percepção como uma relação: uma análise do conceito comum de percepção. **Análítica**. Rio de Janeiro, v.18, n.1, p.109-132, 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/2326/2126>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

STEFANI, J.; CRUZ, N. O. Compreensão e linguagem em Heidegger: ex-sistência, abertura ontológica e hermenêutica / Understanding and Language in Heidegger: Ex-sistence, Ontological Openness and Hermeneutics. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.14, n. 2, p. 112-127, Abril/Junho 2019.

SOUSA, A. I. J.; EDMAN, A. L. Percepção – uma reflexão teórica a partir da filosofia de Maurice Merleau-Ponty. **Revista Baiana de Enfermagem**, Salvador, v. 18, n. 1/2, p. 75-87, jan./ago. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/3874/2839>> Acesso em: 21 de jan. 2022.

TOMBOLATO, M. A. SANTOS, M. A. Análise fenomenológica interpretativa (AFI): fundamentos básicos e aplicações em pesquisa. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, Goiânia, v. 26, n. 3, p. 293-304, set./dez. 2020. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v26n3/v26n3a06.pdf>>. Acesso em 21 jan. 2022.